

S E R M A M

DA

DOMINGA SEXTA

DA QUARESMA

AS MAGESTADES REAES

em a sua Real Capella.

Pello P. M. Fr. CHRISTOVAM D'ALMEIDA,
Calificador do S. Officio, Lente de Prima de
Theologia no Collegio de S. Agostinho
da Cidade de Lisboa, & Bispo
de Martyria.



E M C O I M B R A .

Com todas as licenças necessarias.

Na Officina de MANOEL RODRIGES D'ALMEIDA,
M. DC. LXXX.

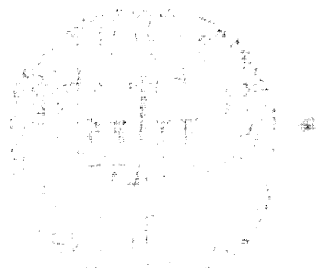
Acusa de Ioaõ Antunes mercador de Livros.

M A M S

ALICE ...

...

...



...



Quis ex vobis arguet me de peccato? Si veritatem dico vobis quare, non creditis mihi.

Joann. 8.



Adá sabe temer a Innocencia (muito altos, & muito poderosos Reys, & Senhores nosses) Nada sabe temer a Innocência: de tudo se recosa o delito. He taõ animoso hñ justo, ainda entre os maiores perigos, como he cobarde hum culpado entre as seguranças maiores.

Que descansado dormia S. Pedro em o carcere prezo com cadeas, rodeado de soldados, & condenado a morte. *Et erat dormiens inter duos milites vinculus catenis duabus.* ador. c. E q̃ inquieto descansava Nabuco em seu palacio assistido de guardas, & lisongeado de grandes em o auge de reinar: *Cogitationes mee in statu meo, & visiones capitis mei conturbaverunt me.* Dan. c. 4. Parece na verdade, que se trocavaõ as sortes, q̃ vela temeroso, o q̃ avia de dormir descansado, & que dorme descansado o que avia de velar temeroso. Porque quem podia temer menos que hum Rey assistido de guardas, que lhe defendiaõ a vida, & quem podia temer mais que hum homem rodeado de soldados que lhe asseguravaõ a morte? Mas eu já vejo a razão Não temia Pedro entre os riscos, porque era innocente; temia Nabuco entre as seguranças, porque era culpado: he taõ cobarde o delito, como animosa a Innocencia, por isso não descansava Nabuco inquieto entre os regalos do Paço, por isso dorme Pedro seguro entre os horrores do carcere: *Et erat dormiens inter duos milites vinculus catenis duabus.*

E supposta esta verdade taõ certa, supposto que he o temor consequencia do delito, & a confiança argumento da Innocencia: se o odio não tivera aos Judeos taõ obstinados, se a

enveja os não trouxera tão cegos, bem virão elles nesta acção que Christo hoje faz como era sua vida justificada, & sua doutrina verdadeira. Tratavaõ os Principes de Jerufalem, & os grandes de Iudea de dar a Christo a morte porq̃ lhe pregava defenganos, & porque lhe dizia as verdades: Se as dizia na Corte, claro está, que este fim avia de ter a sua pregação, & esta correspondencia seu zelo: Soube Christo estes intentos dos Iudeos, & quando parece que lhe avia de fugir, esteve tão longe de o fazer, que antes os foi buscar para se justificar a si, & para os reprehender a elles. *Quis ex vobis arguet me de peccato?* Eis ahi a justificação de Christo: *Si veritatem dico vobis quare non creditis mihi;* Eis ahi a reprehensão dos Iudeos; justificouse o Senhor, primeiro que os reprehendesse; O que grande exemplo deixou Christo ao mundo nesta acção! Mas não sei se foi esta doutrina bem recebida, porque a não vejo muy praticada, antes muito ao contrario; justificouse a Innocencia para arguir a maldade, & no mundo sem se justificar a maldade quer arguir a Innocencia; O que injusta condição dos homens! Que escandalosa sem razão da natureza!

Não ha duvida logo, que suposto os intentos dos Iudeos, que era para temida a occasião, & para recado o perigo; mas se não sabe ter temor hum innocente, como avia de temer aquelle Senhor que era a mesma santidade, que era a mesma Innocencia? Bem digo eu logo que se o odio não tivera tão cegos aos Iudeos que nesta acção de Christo os ir buscar a elles para os reprehender, quando elles buscavaõ a Christo para o matar virão sua innocencia claramente, porque argumento era mui eficaz, prova era mui verdadeira, de que não lhe devia nada quem os temia tão pouco, & que estava mui innocente quem não sabia temer amiaçado. Mas como a inveja cega os olhos da razão, como o odio arrasta as evidencias do discurso, que muito que não bastasse esta acção para converter, & confundir aos Iudeos, se elles invejavaõ, & aborrecião a Christo. O Evangelho deste dia chama-te o da Paixão, não só porque he lastimoso, senão tambem porque he copido

3
prido, & assi que se eu quizera explicar todas as suas circum-
stancias: não me ficará lugar para os discursos; entremos logo
com elles, que ainda que a mim me faltou o tempo, não me
faltará a materia, na justificação de Christo para com os Ju-
deos, & na incredulidade dos Judeos para com Christo.

Quis ex vobis arguet me de peccato:

Todos os expositores deste Evangelho se admirão mui-
to de que Christo sendo Deos se justifique hoje com
os homens sendo a mesma Innocencia, se exponha ao exa-
me da maior maldade: Isto he o de que hoje se admirão to-
dos, mas se eu hei de dizer o que sinto, a mi não me admira
nesta justificação mais que somente huma circumstancia:
Que Christo se justifique hoje com os cortezaos de Ierusalem
muito embora, que razão de estado he mui antiga em Deos
o tratar de parecer bem aos olhos dos homens, quando os ho-
mens tem por razão de estado o não parecer bẽ aos olhos de
Deos: Mas que justifique Christo de maneira que se justifica,
isto s'õ he p' que me espanta Pergunta Christo aos Judeos se
averá algum delles que o possa accusar de culpa, que o possa
arguir de peccado? *Quis ex vobis arguet me de peccato?* Gran-
de materia pera espanto! singular motivo para admiração!
Difficulto desta maneira; Estes mesmos homens a quẽ Chri-
sto faz esta pergunta, não o tem (ainda que falsamente) ar-
guido de tantos peccados? Não tem dito do Senhor, que se
faz Rei sem o ser, que perturba toda Iudea introduzindo no-
vas doutrinas, que lança demonios fóra em virtude do de-
monio, que não observa os sabbados, que quebranta as leis,
que altera os costumes, & que quer valer com hypocrisia?
Assi o tem dito não: õ por huma vez, senão por muitas.

Isto tudo, ainda que não sejam culpas verdadeiras (que em
Christo era impossivel) não são culpas arguidas? Quem o
poderá negar? pois se isto assi he, como pergunta Christo à
quelles mesmos que o tem arguido de tantas culpas, se averá

algun delles que o argua de peccado? O que singular fizeza do amor de Christo? A si se ha Christo, ou assi o faz aver seu amor no conhecimento de nossas culpas, como se não tivera dellas nenhum conhecimento. Bem sabia Christo, que avia em Jerusaleem quaxentos, que condenavam sua vida, calunhiavam suas obras, & que o arguião de culpas, mas como quer que o arguirem os homens de culpas a Christo era huma culpa dos homens, hãse de tal sorte o Senhor, que como se nem aida sospeitara os peccados de que o arguião, pergunta hoje se ha algum que o argua de peccado. *Quis ex vobis arguet me de peccato?* Esta he a propriedade do amor em cõtra-polição da propriedade do odio, que assi como o odio na acção que pôde descreditar nos faz da sospeita sciencia, assi o amor na acção que pôde desluzenos da sciencia, não acerta a fazer sospeita.

Joann. c. 18

Quando a Christo o vierão a prender seus inimigos, diz o Evangelista S. Ioaõ, que sabendo o Senhor muy bem tudo o q lhe avia de succeder, lhe faira ao encontro, & lhe perguntara a que buscavaõ: *Sciens omnia qua ventura erant super eum processit, & dixit: Quem queritis?* Parece na verdade, q se implica no modo de fallar o Evangelista: porq se Christo sabia muy bem q os Iudeos o buscavaõ: *Sciens omnia qua ventura erant super eum.* Como diz S. Ioaõ que o perguntou? *Quem queritis?* E se o perguntou como o sabia? como se pôde concordar esta pergunta com aquella sciencia, se a sciencia se destroe pella pergunta? quem pergunta dà indicio de não saber, que quem sabe não tem necessidade de perguntar: Pois se Christo temiaõ inteira sciencia dos intentos dos Iudeos, para que lhe pergunta a quem buscãõ, & se lhe pergunta a quem buscãõ, como tem sciencia de seus intentos: *Sciens omnia qua ventura erant super eum.* He entre expositores singular a difficuldade de se supor o que temos dito, parece-me a mim que desta vez avemos de dar p razão: Verdade he, que sabia muy bem Christo: que os Iudeos o buscavaõ para o prender, mas como obstar a Christo para o prender era hũa culpa dos Iu-

Judeos, assi se ha o Senhor no conhecimento desta culpa, que tendo della hũa grande sciencia: *Sciens*; parece que não acertava (digamolo assi) não acertava, seu amor a fazer desta sciencia grande, nem ainda hũa presunção muito leve, não acertava a presumir aquella mesma culpa, que não podia ignorar, por isso sabemos muibem o que pergütava, assi o perguntou como se o não toubera: *Sciens processit, & dixit: Quem queritis? Homens a quem buscais?* Quanto aos olhos humanos muito parece que se implica esta pergunta de Christo, cõ a sua sabedoria; mas com seu amor junto a sabedoria não se implica, porque assi como o odio dos Iudeos nas culpas que falsamente impunhaõ a Christo, da sospeita fazia sciencia; assi o amor de Christo nesta culpa dos Iudeos, quiz mostrar, que da sciencia não acertava a fazer sospeita; por isso os Iudeos o prendem; por isso Christo pergüta: *Quem queritis?* O cegueira do amor! O perspicacia do odio! Em a esfera do odio (quando he de culpa o conhecimento) ordinariamete não ha aquillo que se vê, & na esfera do amor não se vê aquillo que ha.

Bem se vio entãõ, & bẽ se vê hoje no odio dos Iudeos, & no amor de Christo; q̃ esta propriedade: sõse podia achar em tal amor, & em tal odio: Christo sabendo hoje a culpa que os Iudeos cometiaõ em o arguir de culpa, assi se ha como se nẽ ainda o sospeitara: *Quis ex vobis arguet me de peccato?* Eos Ioann c. 8.
Iudeos sospeitando sõ, & falsamente culpas em Christo, assi procedem como se as souberaõ: *Nunc cognovimus quia Samaritanus es tu, &c.* Mas que muito q̃ assi seja, se Christo amava, & elles aborreciaõ: Bem podera eu seguir largamente esta materia, que muito podia dar de si para a doutrina, mas vao os a outra razaõ mais propria deste lugar. Queixaõte os Iudeos que Christo não observa as leis, que altera os costumes, que não guarda os sabbados, & não faz Christo caso de nenhuma destas queixas, para ensinar aos principes do mundo com este exemplo, que nẽ de todas as queixas haõ de fazer caso. Christo a fazer milagres; Christo a resuscitar mortos, Christo a curar enfermos, Christo a desvelarse pello remedio de Iudea, & Iudea

Iudea a queixar-se de Christo, & avia o Senhor fazer caso de taes queixas, avião-lhe de dar cuidado: taes culpas? Isto não o quiz fazer o Principe da gloria, para que depois o fizessem tambem assi os Principes do mundo; se aos Principes, se aos Monarchas lhe ouverão de dar cuidado todas as queixas, fora o ceptro hū martirio, fora a coroa hūa morte, por isso para Christo os livrar deste grande tormento, que os esperava, não faz hoje nenhū caso das culpas de que o arguião, antes como se de nenhū peccado o tiverão arguido: pergunta se ha jalguê q̄ o argua de peccado? *Quis ex vobis arguet me de peccato?*

Hora a mim não me empatao tanto o não satis fazer Christo às queixas dos grandes de Jerufalem, como o fazesem os grãdes de Jerufalem queixas de Christo: Vinde cá gente ingrata, condições perversas, animos obstinados, Christo não se desvella, Christo não vos ensina, Christo não vos remedeia? digão os prodigios que obra, os enfermos que cura, os mortos que resuscita. Pois se isto assi hé, de que vos queixais? Dice alguê que se queixavão estes homens porque erão Fariseos, mas eu digo, que se queixavão estes Fariseos, porque erão homens: Hera queixa hū mal da nossa vontade, hé hū achaque da nossa natureza, cujo remedio he tão difficuloso, ou para dizer melhor, tão impossivel, que sò então deixaremos de nos queixar quando deixarmos de ser homens, & queixos os homens, & descontentes vem a ser tanto a mesma cousa, que o dizer, que he homê, quem não anda descontente, o dizer, que he homem que não he queixoso parece hūa implicação, ainda na penha de hū Evangelista Reparei eu muito quando li o Evangelho de Domingo passado, em que disse o Evangelista S. João, que embarcandose Christo, o seguira hūa grãde multidão, sê que explicasse de que era esta multidão, que o seguira. Dizê assi as palavras: *Abijt Iesus trans mare Galilea, & sequabatur eum multitudo magna.* Passou-se o Senhor alê do mar de Galilea, & logo o começou a seguir hūa multidão muito grande, *& sequabatur eum multitudo magna.* Notavel modo de dizer por certo! Pergunto. Esta grande multidão, que se-
guia

guia a Christo, não era de homens? si era; pois porque o nam diz assi o Evangelista: Contalhe a acção, & dissimulhalhe o nome *multitudo magna*. Que misterio terá este silencio?

O que tem este silencio hum grande misterio. Hora notem: avia de dizer S. Ioaõ despois, que esta multidam recebendo não ficará queixosa, antes contente: *ut autem impleti sunt*; por isso nam quis dizer de antes que era multidão de homens, por que, aver homens que se nam queixem, aver homens que se satisfação, assi como he hū impossivel para execução, assi parece hūa implicação para o credito. Que haja homens, que por mais que recebão ficaõ queixosos, isso facilmente se achará no mundo, antes nenhuma cousa se achará tenão isso: mas que haja homens que recebendo ficarão contentes, esse prodigio achate, & crece muito difficulosamente; ainda que seja hum Evangelista o que o escreva, ainda que seja hum S. Ioaõ o que o persuade: Milagre he este de contentar homens que Deos costuma fazer poucas vezes; antes não lemos fizese mais que nesta occasião este milagre. Por isso nam diz S. Ioaõ esta multidam de que era, porque avia de dizer, que lhe contentara.

Se nam reduzamos brevemente os exemplos esta verdade. Digãome a quem fez Deos maiores favores, que aos filhos de Israel sem poder nunca evitar queixas, sem poder contentalos nunca. Aparece o Senhor no monte Horeb abrasado em huma sarça, quando elles pedecião no Egypto; despede dahi embaixadores a Faraõ, obra por elles milagres taõ espãtosos que atemorizarão ao Rey, & assombrarão o mundo, multiplicando castigos, convertendo o Nilo em sangue, tirãdo a vida aos primogenitos, & finalmente fazendo outros muitos maravilhosos prodigios, tẽ que libertou aquelle povo ingrato com o poder de sua mão omnipotente: despois de livre encaminhao para a terra da promissão, dividilhe as agoas do mar vermelho, a huma, & outra parte, para poderem passar a pẽ cruzado: assistelhe com huma nuvem fresca no verão para resistirem aos ardores do Sol, com huma columna de fogo no

invenno, para se repararem do rigor do frio, chovelhe Manà do Ceo, todos os dias, não só para o sustento, senão tambem para o regalo, & finalmente fazhe taes favores, que se eu me quizera por a referilos, gastàra nisso todo o tempo: suposto isto: pergunto agora así: Podia Deos fazer por estes homens mais finezas, que as que fiz, podião mostrarle mais favorecidos de Deos, do que se virão? Parece que não: pois com isto ser así, com Deos se mostrar tão cuidadoso, com elles se verem tão favorecidos, não deixaraõ de vir queixosos: *Bene nobis*

Num. c. 11. erat in Aegypto; mas vinhão queixosos porque eraõ homens: pode Deos remedialos, mas contentalos, isso só nam pôde. Em quanto Deos nos nam mudar a natureza, não nos tirará o queixume. Falou alta & acertadamente hum grande luzo, quando dice, que produzia a terra espinhos, porque era terra, a guerra oppressoens, porque era castigo, & a necessidade queixas, porq̄ eram homens os queixosos; digo que falou acertadamente, porque por mais igualdade que haja, por mais justiça que se execute, sempre nos avemos de queixar, porque nos nam queixemos por razão queixamosos por natureza, & quando he natural o achaque, tem muito difficulतो remedio. Mas com a queixa se em nos hum mal tam grande, nam foi eu se quereçemos nos livrarnos desse tam grande mal: Para o imaginar assi, tenho razão, & tenho prova.

O A. razão he; porque se paga cada hum de nós, tanto mais da sua queixa, que do seu remedio, que deixara de aceitar o remedio só por fazer hũa queixa. Vamos à prova. Entrou Christo naquella piscina, cujas agoas movidas por hum Anjo davaõ saude; & achou ali hum paralitico, que por nam ter hũ homem, como elle mesmo confessou, avia muitos annos que padecia. O quanto disto se acha no mundo! ainda que seja hum anjo o que reparta, se vòs nam tiveres homem, não aveis de entrar na piscina; mas isto nam he do caso, tornemos a elle. Vio Christo o enfermo, seguiu logo á vista a compaixam & a compaixam a remedio, porê forçom hũa circumstancia porque lhe perguntou primeiro o Senhor se queria ter laude:

vis sanus fieri? E q̄ lhe responderia o paralitico? de lhe hũa nõ
 tavol reposta? Senhor eu sou tam deigraciado (lhe respondeo a
 Christo o enfermo) Eu sou tam deigraciado, q̄ naõ tenho ho-
 me, *Domine dominem non habeo*. Homem ille responde? a q̄ vè
 esta reposta, a quella pergunta? Christo perguntate se queres
 q̄ te cure, & tu sem lhe assitar o offercimento, comças lhe a
 fazer queixas? deixa agora as tuas queixas, & pede lhe a Chri-
 sto o remedio. Isso fizera o paralitico se nam fora homẽ, mas
 como era homem este paralitico, pagava se tanto mais de sua
 queixa, que do seu remedio, que deixava de pedir a Christo o
 remedio sã por lhe fazer huma queixa: *Hominem non habeo*
 Christo o offercer lhe a saude, & elle a queixar se a Christo,
 mas se era homẽ, que avia de fazer se nam queixar se, se nam
 fizera esta açam de menbra a natureza. E que nos queixemos
 nõs nam por aquillo que padecemos, se naõ por aquillo que so-
 mos! O miseria tanto para sentida! O lastima tanto para cho-
 rada! Sabem quanto he isto assi, quanto nos pagamos de ser
 queixotos, que se pode duvidar se aceitaremos o remedio pa-
 ra a queixa, quando a queixa pode cessar com o remedio.
 Tornemos brevemente ao paralitico, & por aqui acabari com
 esta materia Resolve ote Christo a curalo, & fazer lhe primeiro
 esta pergunta: *Vis sanus fieri?* Homem queres que te cure? Es-
 tranha pergunta por certo! & ainda em Christo, que nam fa-
 zia nada acalo, mas estranha. Senhor a hũ homem q̄ ha trin-
 ta, & oito annos, que estã enfermo pergunta is se quer ser eu-
 rado? disso pode se duvidar: Si pode se duvidar muito disso,
 porque como aquelle paralitico com a saude se podia tirar a
 justa occasiã para a queixa, entãdo Christo, que sã por
 mostrar se queixoso, nam queria estar saõ, sã por fazer huma
 queixa nam acertaria mesinha, por isso lhe pergunta se quer
 saude antes que aplique o remedio. *Vis sanus fieri?*

O doença infornivel da nossa vontade! O mal grande da
 nossa natureza! o mal grande por todos os titulos, porque he
 mal com que estamos bem, he mal que nam tem rafaõ, & he
 mal que nam tem cura. Digo que naõ tem cura este mal, porq̄

Exod 6.16

nós (ò entãõ estaremos contentes, quando se nos der, nam conforme ao nosso merecimento, nem conforme a nossa necessidade, senãõ conforme a nossa cobiça, & para fartar a sede a huma cobiça humana, parece que não basta, nem ainda a grandeta de huma Omnipotencia divina: por isso eu digo, que sò entãõ deixaremos de ser queixosos quando deixarmos de ser. Mandava Deos no Exodo, que os filhos de Israel nam colhessem do manã mais que aquillo que bastasse para o sustento daquelle dia: *Colligat quæ sufficiunt per singulos dies.* Pois se o manã chove por milagre para que lhe poem Deos esta taxa? porque lhe não diz que receba cada hum conforme o seu dezejo, senãõ conforme a sua necessidade? O que dà nam he hum Deos omnipotente? Pois para que são necessarias na repartiçãõ estas cautelas? Podia dar cafo, que o manã faltasse por mais que os Israelitas colhessem? Si si, parece que se podia dar cafo, porque ainda que era hum Deos omnipotente o que dava, erãõ os homens os que recebiam, & como quer que os que recebiam eram homens, parece (digamolo assi) parece que receou Deos, que lhe faltaria o manã: se esses homens o colhessem conforme a sua cobiça, & nam conforme a sua necessidade, & nam lhe acode a cobiça: *quæ sufficiunt per singulos dies.* Porq̃ para fartar a cobiça de hũ homem, parece que nam podera bastar nem ainda a omnipotencia de hum Deos. Daqui, daqui nascem as nossas queixas: da qui vem o não aver Rey por mais que seja justificado, que nam tenha vassallos queixosos; Não queremos remediar a necessidade, queremos remediar a cobiça, entãõ como a cobiça humana tem o remedio impossivel, queixamons sem razam culpamos sem fundamento; senãõ vejamos em Christo, que por mais igualdades que guardou, por mais beneficios que fez, nam pode evitar queixas, nam pode fugir a censuras, mas como erãõ censuras sem razãõ, como erãõ queixas sem fundamento, não fez dellas nenhũ cafo, & assi como se estes homens o não tiverãõ arguido de culpa, lhe pergũta hoje se averã algũ delles, q̃ o argua de peccado? *Quis e x vobis arguet me de peccato?*

De-

Depois que Christo fez aos Iudeos esta pergunta, começou logo a persuadi-lhes sua doutrina. *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi* Se eu vos digo as verdades (protege o Senhor) porque não credes em mim. Em grande materia entramos: duas cousas intentou Christo nesta occasião; justificar a sua innocencia, & provar sua divindade. Eu nam posso reparar agora em tudo, que nam quizera parecer comprido, na prova da divindade sòmente reparo, & digo desta maneira. Quer Christo provar sua divindade aos grandes de Iudea; & toma por meio o dizer-lhe verdades? *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi*? Isto que argumento he? Nam resuscitou o Senhor ontem a Lazaro morto de quatro dias? Si por certo. Pois se lhe quer mostrar sua divindade a estes homens, porque lhe nam diz que o conheço por Deos porque resuscitou mortos, senão que o tenhaõ por Deos, porque lhe diz verdades? Sabem porque? porque Christo nesta occasião tratou de provar sua divindade com o maior prodigio, & o prodigio maior de Christo, parece que nam estava tanto em resuscitar os mortos, que resuscitou, como em dizer as verdades a quem as dizia; fallava Christo com Principes, fallava com grandes (que prégava o Senhor na Corte) pois para provar que Deos nam diga que tem tal poder, que restitue vidas, senão que tem tal valor, que diz verdades, porque a Reis, a grandes, a poderosos he maior prodigio dizer huma verdade, que restituir huma vida. Grande lugar te me não engano. Mandou Christo a seus Discipulos a prégarem por esse mundo, & fallou desta maneira: *Infirmos curate, mortuos suscite*. A estas palavras acrescenta logo outras que são compridas mas notaveis. *Ad præsides* (a os Reis) *Et ad Reges dicitur mihi propter me, cum autem tradens vos nolite cogitare quomodo, aut quia loquimini, dabit enim vobis in illa hora quid loquamini, non enim vos estis qui loquimini, sed Spiritus Patris vestri*. Hũa, & outras palavras vem a fazer este sentido: Discipulos meus ide por esse mundo curar enfermos, resuscitai mortos, poreis adverti que quando vos virdes diante de Reis quando pregares dian-

Mat. 6. 10.

re de Principes nam cideis, no que he a voz de dizer, por quanto nesta occasiã Deos he o que ha de fallar. *Non enim vos estis qui loquimini, &c.*

Pois, valhamo Deos, fia Christo de seus Discipulos a resurreiçã dos mortos, a saude dos enfermos, & o fallar diante dos Reis nam o fia de seus Discipulos? Perguntou qual he mais dar vida aos mortos, ou fallar aos Reis? A esta pergunta respondendo com distincãõ: mais he resuscitar mortos, que fallar a Reis: mais dizer aos Reis as verdades, que não sentido fallava Christo, he mais que dar vida a mortos; dizer a hum Rei hũa verdade he maior prodigio que dar a hum morto huma vida. Por isso para o dar assi a entender ao mundo, fiando Christo de seus Discipulos o milagre da resurreiçãõ: *Mortuos suscite*: Mostrou que nam fiava delles este milagre: *Nolite cogitare quomodo, aut quid loquimini*. Aviaõ os Discipulos de Christo, (que a isso os mandava o Senhor) de persuadir aos Reis do mundo seus erros, tiralos de sua idolatria; emmendalos da torpeza de suas culpas; mostralhe a xegueira de seu engano, pregarlhe seu Evãgelho; reduzilos a sua Igreja; & finalmẽte aviaõlhe de dizer as verdades; pois este prodigio nam o fie Christo de homens, porque homens nam podem fazer tal prodigio: *Nolite cogitare quomodo, aut quid loquimini*. Resuscitai muito, embora mortos, que esse milagre bem o poderã fazer quem he homem; mas eu direi aos Reis as verdades: *non enim vos estis qui loquimini*; porque essa maravilha só quem he Deos a poderã fazer. Assi se ouve Christo com seus Discipulos quando os mandou a pregar pelo mundo, & assi se tinhaõ tambem avido Deos com Moyses quando o mandou à Corte de Egipto: *Perge igitur* (he diz o Senhor dentre os incendios da sarça) *perge igitur ego ero in ore tuo*: Olã Moyses ide muito embora ao Egipto, & bem podeis hie com toda a confiança; porque quando fallares ao Rey, meu ha de ser o arrefoado; *Ego ero in ore tuo*: Eu sou o que hei de dizer; eu sou o que hei de fallar, de sorte, que no Egipto Moyses hã de executar as maravilhas, & Deos ha de dizer as verdades.

Exod. c. 4.

Si, que como se arañõe dizer a Pharaõ, que era Rey, isto de
 dizer verdades a Reis he milagre, que quem for hon em (co-
 mo era Moyses) nam poderá fazer, sò quem for Deos o pode
 executar, por isso Deos he fomento o que falla, quando he
 Moyses que obrar: *Ego era in ore suo*.

O que he m'apertou Christo hoje este argumento: *Si veri-
 tatem dico vobis, quare non creditis mihi?* Se eu vos fallo ver-
 dades, porque nam credes que sou Deos. Pois Senhor, sò por
 isso haõ de crer estes homens que sou Deos, porque fallais
 as verdades? Si, que sendo elles Principes, sendo elles gran-
 des como saõ, sò quem for Deos he pode dizer as verdades,
 que lhe digo: quer Christo provarlhe sua divindade, & argu-
 mentalhe com o mayor prodigio, & o maior prodigio de
 Christo nam estava em restituir vida a mortos, senam em di-
 zer verdades a Principes. Eu nam digo, nê me vê á imaginaçõ
 dizer tal, que nam se dizem muitas verdades aos Principes, sò
 digo, que fazendo Deos a verdade para o objecto do entendi-
 mento, & nam da vontade, aos Reis, que se lhe dizem as ver-
 dades à vontade, & nam se lhe dizem ad entendimento. Ex-
 pliquemonos m'elhor, nam se lhe dizem as verdades inteiras
 dizem se lhe as verdades partidas, por isso os Reis se perdem,
 por isso as Monarchias se acabaõ, verdades que lifongeaõ de-
 fas tem os Principes muitos Evangelistas, porem de verda-
 des que custaõ, he impossivel que hum sò Evangelista se a-
 che. Mas que digoeub verdades. Em materias que pòde offen-
 det o gosto do Principe, nam sò nam ha quem lhe diga as
 verdades, mas nem ainda ha quem lhe acerte a dizer as men-
 tiras, quando ao Principe lhe era conveniente saber das men-
 tiras, & das verdades, das verdades para emmenda, & das ti-
 tiras para a caxella. Nam ha Principe nõ mundo por mais in-
 teiro que seja, que nã nam arguaõ de faltas, porque he homem,
 & porque governa homens, porem nem todas as faltas do
 Principe sãõ verdadeiras, nem todas (sãõ mentirofas, se todas
 foraõ mentirofas, foaõ Principe hum Deos, & se todas foraõ
 verdadeiras, nam foraõ homens os vassallos: foraõ Principe
 hũ

Senec.
Epist. 4. ad
Luc.

hum Deos, se todas as suas culpas forão mentirosos, porque só Deos he impeccavel por natureza & nam forão os vassallos homens se todas forão verdadeiras, porque os homens dizem mal por inclinação: Dico Seneca discretamente. *Male loquuntur de te homines, bene enim loqui nesciunt: non faciunt quod mereris, sed quod solent.* Dizem os homens de vos mal, porque nam sabem dizer bem, não fazem o que vós lhe mereceis, tenam o que elles costumão,

Mat. c. 16.

E assi como os vassallos sam homens, & os Principes nam sam Deoses, he força que haja faltas, & que nellas haja mentiras, & haja verdades, porem tambem he força, que o Principe nam saiba nem das mentiras: podem ellas, ainda que seiaõ mentiras offenderlhe o gosto? Pois ha selhe de ter hũ grande segredo. Là perguntou Christo hum hora a seus Discipulos, pello que dizião os homens de seus procedimentos. *Quem dicunt homines esse filium hominis?* E como eraõ varios os pareceres, forão tambem diferentes as respostas: porque huns responderão, que se dizia que Christo era o Precursor, outros que se affirmava ser Elias, & finalmente tinhaõ outros por opinião, que o Senhor era hum dos Profetas: *Alij Ioannem Baptistam, alij autem Eliam, alij Hyeremiam, aut unum ex Prophetis.* Deixando a resposta de S. Pedro, que agora me não serve, reparei muito, em que dizendose mais de Christo, & sabendo muito bem seus Discipulos o mais que se dizia do Senhor nam lho quizeraõ dizer: digo que se dizia mais de Christo porque tambem se dizia (ainda que falsamente) que o Senhor não guardava aos sabbados, q̄ quebrava as leis, q̄ era feiticeiro, & que era endemoninhado. Pois se Christo pergunta a seus Discipulos, que opiniaõ tem os homens de sua vida? Porque nam dizem elles a seu Mestre tudo o que de sua vida dizião os homens? Porque lhe nam dizem tambẽ que lhe chamam feiticeiro, que lhe chamaõ endemoninhado, que o arguem de quebrar as leis, & de nam guardar os sabbados? Isto tudo nam craõ mentiras? pois porq̄ as não dizem ao Senhor? Querem ouvir porque? porque ainda que estas culpas de que

que arguaõ a Christo não mentiras, entenderão os Discipulos que lhe poderiaõ offender o gosto, por isso lhe tiveram um grande segredo. Que Christo he hũ Percursor, que Christo he hũ Elias, que he finalmente hum Profeta, isso como o nam podia offender logo lho dizem, porem que Christo he feliceiro, que he Samaritano, que he endemoninhado, essas mentiras como o podiaõ molestar, nam lhas quizeram dizer. O como estaõ eheas as cortes do mundo destes Evangelistas! Verdades ou mentiras, que podem lisongear ao Principe todos as dizem, mas mentiras, ou verdades, que o põde offender, todos as calam. Fazendo Deos a verdade para se dizer ao entendimento, deo o interesse humano em a dizer à vontade por isso avendo tantos, que arguaõ de faltas aos Principes, nam ha hum que lhe queira advertir huma falta. Mas que bem estava Saul, nesta humana ou deshumana politica, quando fez a Deos esta petição; *Si in me est iniquitas hac, da offensionem. s. 1. Reg. 6.*
in populo tuo da sanctificatem. Senhor, diz o Rey fallando com Deos, se o voffo povo esta culpado sanctificaio, & se eu vos tenho offendido dizemo: Para saber hũa falta sua perguntou Saul a Deos, porq̃ isto de dizer a falta ao Rey, nam o sabe fazer nenhum homem: O Principe para lhe dizerem as suas faltas ha de recorrer ao Ceo, porque se nam faz este milagre na terra: *Si in me est iniquitas hac, da offensionem.*

Podeo essa verdade desgostar? pois quem lha ha de dizer: tanto respeito tem os que andaõ ao lado dos Principes a seu gosto, porque tem a sua conveniencia grande respeito, daqui vem o nam aver Principe que tenha hum sò vassallo verdadeiro, tendo muitos vassallos fieis: Nam se repare no modo de dizer, porque eu faço grande differença de vassallos fieis a vassallos verdadeiros: Vassallo fiel he aquelle que tem ao Rei affeição; Vassallo verdadeiro he aquelle que lhe diz as verdades, destes não ha hũ, daquelles averà muitos. Mas nesta materia não he sò este o maior mal que ordinariamente se acha no mundo: a mais se estende, muito avante passa, porque não sò se nam contentaõ os homens com callar, senão com adul-

terças e verdades. Aquillo que se notou como falta, dizem ordinariamente aos Principes, que se canonizou por acerto, & por lhe evitarca hum sentimento os querem tratar com engano. O quanto disto padecem os Monarchas, os soberanos do mundo! Sendo mais duro de sofrer a quem sabe bem sentir hum engano, que huma morte; quantos se deixão viver enganados, por nam viverem sentidos.

Esta pençam, ou para dizer melhor esta azar anda avinculada à grandeza; nam ha septro a que não siga a lissonja, nam ha soberania, sobre que nam domine o engano, com tão venturosa desgraça, que ordinariamente alcança a materia, o que poderá ser não alcançará a verdade, por isso nas cortes do mundo he cousa tão ordinaria o ver se o vicio triunfante, & a virtude queixosa por isso ha tanta multidam de enganados, & ainda maior de enganosos. Venturosa Monarchia (& sem tirarmos os olhos de Portugal podemos ver este exemplo) venturosa Monarchia, cujos Principes fazem tanta estimaçam das verdades, ou custem ou lisongem, que o meio mais efficaz para a valia, he o dizerlhas, & para o desagrado o encobri-las: cujos vassallos, aquelles a quem isto pertença, assi amaõ aos seus Principes, que nam se contentaõ só com lhe serem fieis, senão tambem com lhe serem verdadeiros. Em os outros Reynos do mundo nam serão validos os Evangelistas, mas para os Reis de Portugal sãõ os Evangelistas foraõ, & sãõ os validos. que justo he que hum Reyno que tão parecido ao de Christo nas armas que tem, o seja tambem neste privilegio que goza. E para dar na razão da differença nam me custou muito cuidado: os Principes de Portugal sempre tiveraõ mais de Pais, do que tiverã de Reis, & dizer verdades a hum pay que he Rey, isso facilmente o fara hum filho, mas dizer verdades a hum Rey que nam he pay, esse prodigio não o pôde fazer hũ homem: por isso Christo quando hoje mostrou aos Prinzipes de Judea, que era Deos, nam lhe disse que resuscitava mortos, senão que lhe dizia as verdades, porque só sendo Christo Deos como era, lhe pudeta dizer as verdades que lhe di-

gia: *Si veritatem dicit vobis, quare non creditis mihi?*

Nam posso deixar sem reparo estas ultimas palavras do the-
 ma: *Quare non creditis mihi?* se eu vos fallo as verdades, porq̃
 nam credes em mim? Isto em Christo soy huma pergunta,
 em mim he huma admiraçãõ. Se Christo a estes homens lhe
 dizia as verdades, como não crem estes homens em Christo?
 Sabem porque, diz S. Ioaõ Chrizostomo, porque nam criaõ
 os Iudeos, antes sentiaõ tanto q̃ que Christo lhe ensinava?
 porque Christo nam lhe ensinava o que elles sentiam, & os
 homens nas materias que nam taõ de seu gosto, nam sãõ nam
 querem que o que se lhe dis seja verdade, mas nem ainda so-
 frem que seja opiniaõ: *Rei displicentis etiam opinio reprobatur.*
 Dice altamente Tertuliano. & se isto assi he como aviaõ os
 Iudeos de creer a Christo as suas verdades, se o Senhor os se-
 prendia de suas torpezas,

Chris, hic

Tertul.

Tudo isto está muito bem dito, basta dizelo hum tão grande
 Doutor, & taõ grande S. como Chrizostomo, mas eu cõ sua li-
 cença tenho aqui huma grande infãcia: Pergunto, Christo em
 confirmação de suas verdades nam fazia taõ prodigiosas ma-
 ravilhas? pois porque se nam confundem estes homens, por-
 que nam desistem de sua obstinaçãõ, porque não daõ credito
 a verdades confirmadas com tantos prodigios? Hora eu re-
 seltizime, & coído que bem, que os Iudeos nunca creeraõ as
 verdades de Christo, porque nunca viraõ os seus milages, &
 para tomar esta resoluçãõ, fundeime não menos que em huma
 authoridade de Christo, na razõ, na experiencia, & na Eserip-
 tura: tudo mostro em duas palavras; vamos primeiro á razaõ.
 Eu vim ao mundo, disse Christo: & he esta a authoridade
 que prometi: eu vim ao mundo para dar olhos a quem nam
 tinha vista, & para tirar a vista a quem tinha olhos; *Ego veni
 in mundum, ut qui non vident, videant, & qui vident caeci fiant.*
 Difficultosa proposiçãõ! Christo tirou a vista a alguem no mû-
 do? Não se aponta hum sãõ exemplo: como se haõ de enten-
 der logo estas palavras? mui facil soluçãõ tem: Com a vinda
 de Christo ao mundo, viveram vista os cegos, & cegaraõ os

Ioann. c. ii

envejosos, tiveram vista os cegos porque lha restituio Christo, com milagres cegaraõ os envejosos, porque nam viraõ os milagres de Christo: Esta he a razão, & a authoridade, vamos á experiencia, & á Escriptura. Acabou Christo de lançar prodigiosamente o demonio fóra de hum homem, que avia muito tempo que estava senhor de suas potencias, á vista de muitos Iudeos, & estes mesmos lhe pediraõ logo que fizesse o Senhor hum prodigio, porque o queriaõ ver com seus olhos:

Mat. c. 12

Volumus à te signum videre. Pois homens, não acabou Christo agora de fazer hum milagre, para que lhe pedis outro? Pedem outro porque não viraõ este; eraõ inimigos, & eraõ envejosos, nam viraõ milagres.

O como foi este mal dos Iudeos contagioso no mundo? Quantos olhos ha, que sem serem cegos, não taõ olhos! Depois que a nossa malicia deu em trocar a jurisdicam ás potencias: para o objecto da vista importou pouco o ser que tinhaõ as cousas. Eu me explico. Deos deunos a vista para que quizesse a vontade aquelle bẽ que vissem os olhos, & a nossa malicia fez com que não vissem os olhos, senão aquelle bem ou aquelle mal que quis a vontade: Nam vemos para nos contentar, contentamonos para ver, avendo o conhecimento

Prolog.

de preceder à vontade que assi o ensina a Philosophia. *Nihil volitum, quin præcognitum.* He em nós primeiro a vontade, & entaõ despois o conhecimento, & desta d. ordem grande, nasce aquella abominavel consequencia, que nunca os nossos olhos vem as cousas como ellas sam, tenam como queremos que sejaõ, por isso os Iudeos nam viraõ os milagres de Christo porq̃ nam queriaõ que em Christo ouvesse milagres. Offenderaõse muito os Iudeos de que aquelle paralitico que curou Christo em o Sabbado (crime entre elles abominavel) viesse com o leito às costas, & reprehendendoos desta culpa respondeo o homem que aquelle Senhor que lhe dera laud, lhe mandara levar o leito: *Qui me sanum fecit dixit mihi. Tolle grabatum tuum, & ambula. Interrogaverunt erga eum: (aeroceta o Evangelista) Quis est ille homo, qui dixit tibi: Tolle*

Joan. c. 5

grabatum tuum, & ambula? Duas cousas disse aqui aos Iudeos o paralitico, & elles perguntarãolhe sò por huã: Diche, que Christo lhe dera suade, *qui me sanum fecit;* & q̃ lhe mandara levar o leito: *dixit mihi: Tolle grabatum tuum, & ambula,* & elles perguntaraolhe sò por quem lhe mandara levar o leito, & nam por quem lhe dera saude; Pois se ali avia duas cousas, hum preccito de Christo executado, & huma saude pello mesmo Senhor restituída, porque nam pergunta aos Iudeos por quem lhe deu a saude, senão por quem lhe pos o preccito.

Hora eu persuadome fundado na doutrina de Hugo Carrente neste lugar: que estes homens por huma só cousa perguntarã, porque huma sò cousa virão; E isto porque? (ainda não fechamos o pensamento) porque nam virão o paralitico, com a saude restituída, sò o virão com o leito às costas? Direi o que sinto: Dar Christo saude ao paralitico era milagre, mandarlhe em o sabbado levar o leito na opiniaõ dos Iudeos, era huma culpa de Christo, & como elles queriaõ a Christo sò culpado, nam milagroso, por isso nam vem a Christo como milagroso, vemno sò como culpado: se o odio dos Iudeos lhe nam trocara a disposiçaõ da natureza, queria a vontade aquillo que vissem os olhos, mas como o seu odio lhe deicompou as potencias, nam viaõ os olhos senão o que queria a vontade, por isso nam vem em Christo milagres, senão culpas, porque queriaõ que Christo tivesse culpas, nam queriaõ que obrasse milagres, & como sò as culpas vem, sò pelas culpas perguntaõ: *Vbi est qui dixit tibi, &c.* Culpas digo na sua opiniaõ, que em Christo nunca ouve, nem podia aver sombras de culpa. Esta he logo a razão porque confundendo Christo o que dizia aos Iudeos com tantos prodigios, nam criaõ as suas verdades, com escandalo do mundo, & com queixa do mesmo Christo. *Quare non creditis mihi.*

Antes estiverãõ tam longe de ser ao Senhor, que o quizã apedrojar. Grande, & lastimosa materia se me offerecia aqui para discorrer, mas tenho acabado o Sermam, sò em hu-

mas não se reparou, & com ella concluiu. Em premio de Christo
 dizer aos Iudeos as verdades, elle quizera o ellestira com pe-
 dras, fugio-lhe o Senhor, & nam de qualquer sorte, se não fa-
 zendo hum milagre, porque diz o doutissimo Maldonado,
 que se fizera a vela delly. Mas como aff. Christo nam sabe mu-
 to hum, que está seguro do morrer? nam bemto sabe. De que
 fuge logo o Senhor: E nam de qualque sorte, se não fa-
 zendo hum milagre? O que alto documento deu Christo
 aos Principes do mundo nesta occasião! Quando Christo
 está seguro então faz milagres para se segurar, que os Prin-
 cipes fação milagres para se segurar quando estiverem seguros,
 ja eu disse algum hora discorrendo (mais largamente so-
 bre esta materia que nam nos avia de fazer descuidados, ver-
 nos seguros, aates que quanto fosse maior a segurança, tanto
 avia de ser maior a cautela, porque para qh eno polidacacheta
 discorre, mais he para temido a duma segurança, que para
 recado hum perigo, está evidente a razão, porque o perigo
 faz temerosos, & a segurança faz confiadros, & em nenhuma
 cousa está mais certa a ruina, que na confiança, assi como em
 nenhuma cousa está mais disbituroso o perigo, que no re-
 ceio. E daqui vem que melhor he muitas vezes para vencer
 huma fraqueza de confiado, que hum valor presumido, por-
 que a desconfiança, a cautela, & a presunção m facillita; a des-
 confiança faz valente a maior fraqueza, a presunção faz fraca
 a maior valentia. Não he duvida que em respeito do Gigante
 Goliath, que era David muy inferior nas forças, & nas armas,
 porem com isto ser assi, deo o Pastor galhardo por terra com
 aquella machada disforme, com aquella soberba arrogante,
 porque David em o combate entrou desconfiado, & o Gi-
 gante entrou presumido. *Despexit eum in corde suo.* E mais
 effeito parece que faz huma pedra tirada com desconfiança,
 que huma bala tirada com presunção, porque a desconfiança
 dá brios a maior fraqueza, & a presunção mta acenta a maior
 valentia. O parte admiravel de huma confiança necia? qua-
 tas monarchias tês arruinado, quãros exercitos tens destruido.

Mald. in
 hoc c. 8.
 Ioann. n.
 141.

Nam

Namigos avemos de descuidar logo, por nos imaginar-
mos seguros, antes quando nos vimos mais seguros, entã
avemos de viver mais desconfiados, entã avemos de an-
dar mais cuidadosos: Avemos de temer as seguranças
ainda mais que os perigos. David antes de Rey nos deu
o primeiro exemplo, & depois de Rey nos darã a confir-
maçam.

El Rey David quando celebrou pazes com Saul, então diz
a sagrada Escriptura que buscou para viver os mais seguros
lugares: *David, & viri ejus ascenderunt ad tutiora loca.* Pois I Reg. 6.
agora que tem com o Rey celebrado pazes, trata David de 24.
se segurar mais, que quando tinha com elle tam viva guerra:
Si, porque agora vese David seguro, na guerra viae David
perigoso, & como era discreto, & experimētado David, mais
temia a segurança, do que receava o perigo: muito se segourou
quando se vio arriscado, mas mais se quis segurar quando
se vio seguro: Assi o fez entã David, & assi o fez hoje
Christo, seguiu estava o Senhor de morrer, mais por isso mes-
mo, porque estava seguro de morrer fez milagres para se se-
gurar.

A todos os Reynos do mundo he muito importante este
aviso, mas ao nosso Portugal mais importãte, segura está a Mo-
narchia Portugueza de passar outra vez ao dominio estranho,
porque alem de o dizerem assi as Profecias, nisso tem Deos
empenhado sua divina palavra, & o patrocinio de sua mão po-
derosa; porem he necessario advertir, que o estarmos tam se-
guros nos nam ha de fazer descuidados, antes entã, quando
nos vimos seguros, como fez Christo, avemos de fazer mila-
gres para segurar a nossa segurança, avemos de obrar prodi-
gios para eternizar nossa conservaçam.

Assi se faz, & amecretem Deos que se ha de fazer ca-
da dia com maior cuidado, quando na experiencia de factos a-
certos se virem virem as que vem, & indignas de for, que te-
mos ~~Rey que se sabe obrar com prudencia, que sabe obrar com~~
prudencia, & que sabe obrar com acerto. Mas sobre tudo isto,
para

para que chegemos a lograr a posse de tam bem logradas esperanças, & vejamos a execução de tam grandiosas promeias, he necessario o vivermos muito unidos com Deos, mui conformes com sua vontade, mui ajustados a seus preceitos, & mui agradecidos a seus beneficios, para que vendo elle em nós este agradecimento possa continuar seus favores, conferendo as nossas conquistas, & finalmente que he o bem de maior importancia, dandonos nesta vida muita graça, que he certo penhor da gloria. *Ad quam nos perducat Pater, & Filius, & Spiritus Sanctus. Amen.*

LAUS DEO.

